

O ANTIHEROISMO DE JASÃO: MASCULINIDADE E ARETÉ EM APOLÔNIO DE RHODES (III A.E.C.)

JASON'S ANTI-HEROISM: MASCULINITY AND ARETE IN APOLONIUS OF RHODES (III B.C.E.)

THIAGO DE ALMEIDA LOURENÇO CARDOSO PIRES¹
Centro Universitário Celso Lisboa

ANA BIATRIZ DOS SANTOS FILGUEIRAS²
Centro Universitário Celso Lisboa

Resumo: Na Hélade do sec. III A.E.C, Apolônio de Rhodes apresentou ao mundo um novo modelo de herói em seu poema épico 'As Argonáuticas'. Os cânticos abordavam a história de Jasão e seus companheiros, que cruzavam o mediterrâneo em busca do Velo de Ouro, a pedido do Rei Pelias. Entre competições, desentendimentos e uma temporalidade mítica, o autor tingia com características mais humanas heróis famosos, como

Abstract: In the Hellas of the sec. III B.C.E., Apollonius of Rhodes presented the world with a new model of hero in his epic poem 'The Argonauticians'. The songs dealt with the story of Jason and his companions, who crossed the Mediterranean in search of the Golden Fleece, at the request of King Pelias. Between competitions, disagreements and a mystical atmosphere, the author brought to light human characteristics to

¹ Doutor em História pela UNIRIO, Mestrando em arqueologia pela Uminho, Professor do Centro Universitário Celso Lisboa, Tutor a distância em História antiga do CEDERJ-UNIRIO, Professor da SEEDUC-RJ, Professor externo do PPGH-UFF e membro do grupo de pesquisa Nereida (UFF). Email: Thiagokpires@gmail.com

² Graduada em História pelo Centro Universitário Celso Lisboa. Email: anabiatrizf@gmail.com.

Hércules e os filhos de Hermes, enquanto construía o protagonismo de seu próprio herói Jasão com traços antagônicos a esses. Esse tipo de narrativa e esse segundo tipo de herói estão associados, nos ajudando a compreender as mudanças sociais e culturais no mundo helênico após a morte de Alexandre.

demigods already known as Hercules and the sons of Hermes, while building the protagonism of his own hero under an antagonistic face. This type of narrative and this second type of hero are associated, helping us understand the social and cultural changes in the Hellenic world after Alexander's death.

Palavras Chaves: Herói, Anti-herói, Jasão, Grécia

Keywords: Hero, Anti-hero, Jason, Greece

Introdução

Um dos conceitos chaves que auxiliava o estabelecimento de um padrão de masculinidade e heroísmo na Hélade do sec. III A.E.C. foi a *areté*. Segundo Maria Galito (2012, p.2), o vocábulo denota a ideia de “honra”, “coragem” e “nobreza” atribuídas a um guerreiro. Na construção etimológica: “*Areté* possui o mesmo prefixo da palavra *aristos* (o melhor), que é superlativa de *agathós* (bom), pelo que *areté* se pode traduzir por excelência, sendo atribuída ao ser humano que se destacou em coragem e honra no seio do grupo”.

Quando traduzido para outros idiomas, o vocábulo *areté* é comumente tomado como sinônimo de “virtude”. Ainda segundo Galito, isso acaba resultando em uma limitação conceitual e corrobora para o estabelecimento de apenas um significado de um conceito polissêmico na Antiguidade.

Areté é regularmente traduzida em livros de língua não grega por “virtude”, mas admite-se que essa tradução seja limitativa ao seu significado. Este conceito aplica-se a heróis, a indivíduos que ascendiam a uma categoria superior em sociedade depois de provar o seu valor perante a comunidade. A sua excepcionalidade correspondia a uma forma de ser e de agir em nome da sua honra pessoal ou em prol do colectivo, que

granjeava o reconhecimento da sua glória (*kléos*). (Galito, 2012, p. 2)

A mesma limitação dada ao termo explicitada por Galito, é corroborada por Alexandre Rosa (2016, p.11), expondo ainda que a multiplicidade de significados do vocábulo é fruto de diferentes contextos historiográficos, sendo utilizado de acordo com as percepções ideológicas dos sujeitos e não possuindo o valor moral presente na transposição do termo para a Língua Portuguesa.

É consenso entre os estudiosos ser tarefa difícil encontrar um equivalente na língua portuguesa para o termo grego *areté*. Embora seja constantemente traduzido por “virtude”, esse conceito, nos Poemas Homéricos, está destituído de conotação moral, como o tem na língua portuguesa. Outro aspecto a ser considerado é o fato de o vocábulo *areté* ter assumido matizes vários, condicionados ora pelos diferentes contextos – político, econômico e social –, ora por razões ideológicas do indivíduo que o empregasse (Rosa, 2016, p. 11).

Maria Rodrigo (2016, p.121) compartilha da mesma conclusão de Galito e Rosa, quando evidencia que a educação está estreitamente ligada à característica evolutiva do termo através do tempo, apontando as transformações sociais como principal ponto de influência para as múltiplas significações do conceito de *areté*:

Embora desde o início este conceito estivesse estreitamente ligado à questão educativa, no decorrer de seu desenvolvimento histórico o ideal da *areté* humana sofreu alterações, que tanto foram produto de transformações sociais como influíram sobre elas. O que se manteve constante foi uma concepção unitária de formação humana como suporte da indagação sobre o caminho que a educação deveria trilhar para alcançar a *areté* (Rodrigo, 2016, p. 121).

Já Flávia Eyler (2014, p.39-40) defende que o conceito traduz “o comportamento do homem aristocrático, tanto na guerra

quanto na paz” e também que “definia aquilo que faria do homem um homem por inteiro, completo”, estabelecendo uma ligação entre a construção heroica do ser e a formação aristocrática, onde a excelência do herói é apreciada tanto em momentos onde seria necessário demonstrar conhecimentos de batalha, e até expor comportamentos hostis, quanto em uma conjuntura não truculenta, salientando que o equilíbrio entre bravura e temperança permeavam a significação do conceito.

A polissemia do conceito de *Areté*

A multiplicidade de significados relacionados ao desenvolvimento do termo, derivada das mudanças sociais recorrentes na paidéia helenística e de numerosas traduções, culminou em diferentes concepções de *areté* através do tempo, que se vinculavam a um ou mais princípios sociais vigentes, como explicita Kleber Dias (2018 p.45, *apud* Vaz, 1991, p.29):

A visão grega arcaica do homem era profundamente marcada pela ideia da *areté*, que pode ser traduzida como excelência, que se fixa ao lado da imagem do herói, dotado de uma *areté* guerreira. Seguidamente, mais tarde, a *areté* se torna civilizadora, tendo como herói o fundador da cidade (*hêros klistês*). Com o passar do tempo, o conceito de *areté* irá se transpor para o sábio (*sóphos*). A partir da organização da *polis*, o conceito de *areté* passa a se vincular intimamente ao conceito de justiça (*diké*), e o herói fundador da cidade passa a ser o legislador (*nomotêthes*).

Apesar de muito próximos, é essencial não confundir os termos. Segundo Bortollini (2018, p.28) “A *areté* grega se expressa, antes do surgimento do termo *Paideia* como o ideal na educação do homem grego”, exprimindo que a excelência e a superioridade vinculadas a *areté* elevam o termo ao posto de arquétipo educacional, sendo anterior à conceituação de educação na Hélade. Ao esbarrar na concepção de *paidéia*, a *areté* intercala-se à educação, que além de explicitar um padrão social, demonstra que a simbologia presente no termo perpassa os

princípios gregos de formação do ser, entremeando-se a filosofia e sociologia, onde desdobra-se a razão do homem ao educar-se para atingir um patamar de excelência.

O homem é o centro do pensamento da Paidéia. A evolução do pensamento filosófico é a evolução da preocupação de cosmos ao problema antropológico, que irá culminar na filosofia de Sócrates, Platão e Aristóteles. A filosofia para estes se torna um exercício de educar o homem para a excelência (Dias, 2018, p. 45).

A educação formal recebida pelos indivíduos na Hélade arcaica³ firmava o patamar de superioridade do ser, esse sendo não só um pensamento individual, mas uma forma de organização do coletivo. A *areté* era esquadrinhada não só pelo entendimento do homem como centro da sociedade, mas também pela compreensão das leis, conhecimento da natureza e domínio sobre o seu lugar de vivência:

A posição específica do Helenismo na história da educação humana depende da mesma particularidade da sua organização íntima – a aspiração a forma que domina tanto os empreendimentos artísticos como todas as coisas da vida – e, além disso, do seu sentido filosófico, do universal, da percepção das leis profundas que governam a natureza humana, e das quais derivam as normas que regem a vida individual e a estrutura da sociedade (Jaeger, 1995, p.13).

O que corrobora o fato de a educação intercalar-se com a *areté* é que o conceito se caracterizava como um código de valores, e, segundo Werner Jaeger (1995, p.4), “(..) uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade”, sendo assim, uma ferramenta tanto para a manutenção das hierarquias, quanto uma forma de controle sobre a população.

³ Refere-se aos séculos VIII-VI A.E.C (Eyler, 2014, p. 10).

A *areté* permanecia vinculada aos ideais aristocráticos até o período arcaico, disseminando-se em outras estruturas sociais a partir do período clássico. A modificação de significado propunha uma nova forma de discurso, que era empregado com a finalidade de persuadir e/ou influenciar no âmbito político.

No período clássico esse quadro modificou-se, como decorrência da consolidação da polis, uma nova sociedade civil e urbana, que exigia outro tipo de educação que fosse capaz de atender às suas necessidades. No quadro político da cidade-Estado democrática, como Atenas, em que as decisões eram tomadas por meio de debates em assembleias públicas, tornaram-se indispensáveis a habilidade no uso da palavra persuasiva e o desenvolvimento de aptidões oratórias (Rodrigo, 2016, p.123).

Em consonância com Galito, Jaeger (1995, p.4) expõe que a educação, além de uma forma de continuidade dos padrões sociais, se tratava do “resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana, quer se trate da família, de uma classe (...) ou um Estado.”, evidenciando a relação *areté/pandéia* com os ideais políticos vigentes. A consciência de que trata o autor nada mais é do que um regulamento informal de princípios, este agindo como propulsor de dinâmicas mantenedoras da ordem social. Os princípios contidos no código de valores introduzido pelo conceito padronizavam uma conduta heroica.

Esse código de valores reflecte-se no comportamento dos deuses do panteão grego, concebidos à imagem da sociedade que os glorifica. A honra e as suas leis de sangue ajudam a definir a posição social do indivíduo, estabelecendo-se uma hierarquia, com os heróis a meio caminho entre os deuses e os meros mortais (Galito, 2012, p.2).

A proximidade com os deuses não se pautava apenas no comportamento associado aos deuses. Segundo Isabela Leite (2010, p. 2) “Todo herói grego possui ascendência divina – em algum ponto da árvore genealógica do herói existirá um deus (...)”, destarte não se bastando dos modos divinos, a ascendência

era um fator de destaque para a agnação de um herói pela comunidade.

Embora a ascendência divina tenha seu valor, o “arquetipo da perfeição” suscitado por Rosa (2016, p.10) associa-se à coragem e ao reconhecimento social. Ainda que seus modos lembrem ações dos deuses e a sua árvore genealógica esteja repleta de olimpianos, uma prova de força e a ausência de medo perante situações fatais se entrelaçam na *areté*, mas, sem prejudicar a ordem social, colocando frente a frente guerreiros equivalentes em nascimento, bens materiais e renome.

Nesse modelo arquetípico, a bravura e a ousadia – manifestadas no campo de combate, ao lutar com alguém do mesmo valor, medido pelo nascimento, riqueza e pelo reconhecimento público – eram tidas como qualidades essenciais de um guerreiro, e ocupar as primeiras fileiras com intrepidez, sem medo da morte, consistia na manifestação mais plena daqueles dois atributos, que constituem na poesia heroica (...) uma das modalidades da chamada *areté* (Rosa, 2016, p.10-11).

Como explicitado, a *areté* estava intimamente ligada à esfera pública, à honra de um homem, e, assim como há o ideal de perfeição, existe uma face contrastante desse ideal, causando desqualificação ou quebra dos padrões impostos socialmente, expondo uma crise a formação do ser. Poderia a excelência ser quebrada e induzir a degradação do homem? Sim, a *hybris*⁴ rompia as expectativas sociais e poderia trazer a ruína ao herói. A ira de um herói nada mais era que a promulgação de seu fracasso, sendo esse permanente ou transitório em sua jornada, e não priorizava a tratativa aristocrática, onde conflitos eram resolvidos de forma honrosa, respeitando a perpetuação dos modelos socioestamentários vigentes. A *areté* e *hybris* podem parecer opostos à primeira vista, dando a entender que são integralmente divergentes. Para que a *areté* possa se manter como

⁴ Tudo o que ultrapassa a medida, excesso, desmedida; em geral indica algo impetuoso, desenfreado, violento, um ardor excessivo. Nos seres humanos é insolência, orgulho, soberba, presunção (Eyler, 2014, p. 41).

ideal para um homem, a *hybris* precisa ser uma ameaça ou fazer parte de sua jornada, como destaca Leite (2010, p. 4):

O caráter contraditório do herói se manifesta no mito em vários níveis e de diversas maneiras, levando-o a transgredir os limites do homem. Porém aqui chamamos a atenção para um primeiro aspecto ambivalente da *hybris*: se o herói é criminoso ou enlouquecido, ele não deixa de possuir as mais elevadas virtudes, ele não deixa de ser um homem moral e fisicamente superior ao comum dos mortais. Apesar da *hýbris*, ou justamente por causa dela, ele acaba realizando sua missão heroica e trazendo benefícios para a sua comunidade.

A proximidade do herói com os deuses pode auxiliar essa dualidade na personalidade do mesmo, em que o caráter divino e a natureza humana definem uma identidade instável, exprimindo qualidades debilitantes, enquanto traduzem a força do homem em se reerguer e testar seus limites.

Situando-se a meio caminho entre o divino e o humano, o herói vai possuir uma personalidade ambígua, contraditória, por vezes até marcadamente dissociada. Esta personalidade contraditória vai levar o herói a experimentar aventuras pontuadas de glórias e de falhas, de vitórias e fracassos. Após alcançar vitórias sobre-humanas e conquistas memoráveis, ele também está condenado a falhar em algum ponto. Toda a carreira do herói é ameaçada por situações limítrofes e críticas. O herói será um homem poderoso e virtuoso, mas também essencialmente voltado para o descomedimento e para a transgressão dos limites impostos aos mortais pelos deuses (Leite, 2010, p. 2).

As epopeias atribuídas a Homero (Bowder, 1982, p. 189), a *Ilíada* e a *Odisseia*, segundo Maria Rodrigo (2016, p. 121) fomentam o padrão de que a *areté* está diretamente ligada à ética aristocrática, onde não se impõe um limite a essa “virtude”, mesclando características atribuídas a deuses e a cidadãos comuns, evidenciando interesse na manutenção hierárquica, porém, sem citar a presença da *hybris*:

O primeiro registro sobre a antiga cultura aristocrática dos gregos foi feito por Homero na *Iliáda* e na *Odisseia*. Estas duas epopeias retratam o mundo aristocrático e seus ideais, denominando como *areté* a força, destreza e heroísmo dos guerreiros, qualidades alheias ao comum dos homens. Assim, originariamente, a esfera de validade da *areté* permaneceu restrita ao mundo aristocrático, o que significava dizer que o homem comum não tinha *areté*, sendo este um atributo próprio e exclusivo da nobreza (Rodrigo, 2016, p.121).

Dias (2018, p.46) expõe que “como a *areté* é um atributo próprio da nobreza, é na obra de Homero que se vê a fonte aristocrática e educadora desse ideal”, evidenciando os épicos homéricos como afeitos ao conceito de excelência, mas temos também o exemplo da *Iliáda*, em que Aquiles é dominado pela *hybris* e toma atitudes imprudentes tanto por sua paixão irracional, quanto em suas ações em batalha. Homero não se pauta apenas na *areté*, ele flerta com a *hybris* em muitos momentos, o que realmente nota-se em seus versos é o descomedimento, tanto nas virtudes, quanto na cólera.

Este é o processo por excelência da *hýbris*: o herói possui um poder que o aproxima demais dos deuses, e acredita ter o direito de realizar plenamente toda a demanda de sua força divina. Porém, nas mãos humanas do herói, esta força se torna muitas vezes incontrolável, e as consequências podem ser desastrosas e até criminosas. Todos os heróis, que são normalmente generosos, benevolentes e bem intencionados, vão se deixar eventualmente dominar por excessos afetivos e por paixões irracionais (Leite, 2010, p.3)

Contrariando a composição dos populares heróis Homéricos, Apolônio de Rodes retrata em seus textos um herói com características mais humanizadas, rompendo estereótipos e criando uma nova distinção de herói, sendo esse menos afeito à perfeição, balanceando a sua personalidade: nem muita *areté*, nem muita *hybris*, isento de excessos e temente por seu destino. Segundo Vinícius Barth (2017, p.7): “Jasão tem atribuído a si um epíteto marcadamente pouco homérico: ἀμήχανος. O adjetivo,

que traduzi por “sem recursos”, aparece em um momento em que Jasão é acusado pelos companheiros de mostrar um semblante temeroso e incerto”.

Jasão não aparece inicialmente como herói no poema elaborado por Apolônio (III A.E.C.), a figura do mesmo é construída a partir de uma profecia, direcionada ao rei Pelias por um oráculo, onde é mencionado que um homem de uma só sandália irá assassinar o rei e roubar-lhe a coroa. Pelias então, com medo de que a profecia se concretize, convoca Jasão para a missão de conseguir o Velo de Ouro, a fim de afastar-se de seu destino fatal e, por conseguinte, matar ou incapacitar o seu possível agressor. Apolônio inicia não só uma nova significação para *areté*, como também influencia obras posteriores como os *Lusíadas* e a *Eneida*.

Na época Helenística surge uma classe de eruditos que são responsáveis pela introdução de novas tendências no campo da literatura. (...) parece existir a procura de uma identidade contida no passado, transposta e renovada (ou mesmo modificada) no presente. Nesta linha, a complexidade de obras como *As Argonáuticas* torna-se evidente (Carreira, 2007, p.10).

Enquanto Jasão não surge contando vantagens por sua árvore genealógica, tampouco exige glória ou riquezas e considera até a possibilidade de não liderar a missão que lhe foi dada, o mesmo ascende a uma nova categoria heroica, na qual a *hybris* e a *areté* permanecem inclusas, porém há uma distinção significativa entre o herói que nasce um herói e aquele que se molda com base em sua jornada. O autor evidencia então que as transições vivenciadas pela sociedade naquele momento, incluíam nada mais que a visão da estrutura educacional e a forma como o homem era retratado.

A abordagem crítica das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes costumeiramente foi feita à sombra das epopeias de Homero, não somente por sua inserção em um período da literatura grega pouco comentado até a metade do sec. XX, mas também pela comparação qualitativa entre as figuras heroicas descritas nos diferentes poemas. Apesar da variedade de tópicos abordados na

narrativa, a discussão sobre o modo como Jasão é representado foi responsável pela produção da parte mais numerosa e significativa de artigos e livros a respeito dessa obra. A questão mais formulada pelos comentadores poderia ser assim simplificada: seria Jasão, com seu modo de ação peculiar, a principal personagem da expedição dos Argonautas? (Junior, 2021, p.406).

As transformações sociais, influenciadas pela morte de Alexandre (323 A.E.C.), modificam a posição do homem na sociedade, quebrando o limite de “animal político”, segundo Carreira (2007, p.10), e essas mudanças espelham-se na personalidade de Jasão, estruturada por Apolônio de Rodes de forma ambígua: onde há parte do homem profético, um possível criminoso, e parte de um pressuposto herói, que aceita sem hesitar a missão dada por seu rei.

Alexandre e o ideal de masculinidade na Hélade do IV-III A.E.C.

O período Helenístico,⁵ que se inicia em meados do séc. IV A.E.C, marcou o mundo mediterrâneo com transformações políticas e sociais, sendo Alexandre, o grande, citado como principal precursor dessas mudanças. A imagem do macedônio era sinônimo de realeza, “(...) sendo a figura deste monarca preponderante nos estudos acerca da formação da *basileia*⁶ helenística” (André, 2015, p.172). O chefe militar defendia que as suas virtudes provinham de uma linhagem de heróis, criando em sua própria árvore genealógica ramificações que incluíam não só Hércules e outros heróis homéricos, mas também Zeus.

Alexandre acreditava que tinha uma natureza excepcional, posto que se reconhecia como descendente de Hércules, pelo lado do

⁵ Refere-se aos séculos IV-II a.C. Alexandre da Macedônia conquistou o mundo grego e alargou os horizontes da cultura helênica quando faz dela o suporte de seu ideal de império universal (Eyler, 2014, p. 31).

⁶ Entende-se como *Basileia* helenística o conjunto de reinos formados e governados pelos sucessores de Alexandre após a sua morte. Os governantes intitulavam-se *basileus* (Bowder, 1982, p. 39).

pai, e de Aquiles e Príamo, pelo lado da mãe. Acreditava sentir o sangue fervente dos heróis, seus antepassados, segundo ele. Como ser descendente de Zeus não era suficiente, ele consultou o oráculo de Siwah, no qual Amon reconheceu-o como filho e prometeu-lhe um império universal (Eyler, 2014, p. 121).

Ao enfatizar a força heroica, Alexandre destaca a sua *areté*, reafirmando a identidade como cidadão e aristocrata, enquanto compreende em si características únicas, provenientes de dons cedidos por deuses. Esta percepção está inserida na compreensão do campo discursivo e a necessidade de afirmar-se em tal posição. Para tanto, é destacado como o chefe militar teve alguns tutores em sua formação, entre eles Aristóteles, “(...) que o dotou de interesses literários e científicos, razoavelmente desenvolvidos (...)” (Bowder, 1982, p.38), propiciando-o a garantia de desenvolvimento de sua *areté*, de acordo com os padrões de educação da época. O prestígio de Alexandre englobava a sua habilidade para controlar exércitos, a nobreza de sua família, a educação recebida e a linhagem guerreira que o mesmo afirmava possuir, destacando a sua masculinidade e soberania (Bortolini, 2018, p. 28)

A identificação com o divino não era incomum entre os governantes do período Helenístico - os poemas épicos haviam se difundido por todo mediterrâneo e traziam exemplos de homens cuja ascensão, bravura e masculinidade tornavam-nos quase divindades, afastando-os de sua face humana.

Os chefes combatem valorosamente à frente dos seus soldados, incitando-os. Os heróis têm uma honra a defender. São eles que recebem a maior parte do saque, como prêmio pelo seu valor. (...) Como contrapartida têm um dever para com o povo, para com os soldados do seu exército: combater até ao limite na linha da frente, mostrando aos seus homens que merecem as honrarias que lhes concedem e alcançando a glória imortal (Bárbara, 2003, p. 98).

Em contraponto, a masculinidade austera de Alexandre criava uma ambiguidade, fugia do comum “herói aristocrata” e ganhava tons que fugia dos moldes tradicionais de heroísmo. O

herói continuava herói, mas contrariava o mestre, pairava entre humilde e soberbo, exagerava em suas qualidades e consequentemente, trazia para si a responsabilidade sobre propagação de um novo modelo de herói, com ambições próprias, exacerbadas, autoproclamação de suas virtudes e não destacando o reconhecimento do povo por seus feitos como uma das principais características para a formação de sua figura heroica (Carvalho, 2021, p. 126).

A ascendência celestial do governante, além de deixar claro a sua soberania, também o aproximava da *hybris*. A truculência em seus modos, que contrastava com o ideal aristocrático, era facilmente esclarecida (se não, apaziguada) pela presença do caráter divino em sua constituição, adquirindo assim uma base para tais prerrogativas:

A *hýbris* se manifesta como uma intimidade criada entre o deus e o homem. O herói cai em *hýbris* porque ele se faz portador de um *numen*. O herói vem canalizar, para os homens, uma energia divina. Como é que um homem com esta perigosa e difícil missão pode não incorrer, de vez em quando, na desmedida? (Leite, 2010, p. 7).

Juntamente com as virtudes advindas tanto dos deuses quanto da educação, a virilidade de um homem estava estritamente ligada aos seus dons físicos. A forma física aparece atrelada ao conceito de homem já que “(...) os heróis das guerras e da mitologia eram moldados em bronze e mármore, imortalizados em estátuas que representavam, pelos corpos “perfeitos”, os comportamentos, as virtudes que levariam às vitórias, ao sucesso, ao reconhecimento do povo” (Suguihura, 2007 p. 198). A memória e o exemplo deixados pelo herói, sejam por estátuas ou tradição oral, deveriam exortar a sua perfeição nos detalhes, como expõe Felipe Suguihura (2007 p. 198): Era isso que deveria ser mostrado e exaltado, idolatrado e seguido como modelo por todos que desejavam ser parte daquele mundo.

O corpo era representado como conjunto de união das virtudes advindas do herói, era objeto de estudo e um espelho que resplandecia os dons tanto com a sua interação com o mundo,

quanto servindo de prisão para a alma (Cassimiro, 2012, p.65). Corpo e alma deveriam agir em conjunto, para que houvesse equilíbrio na formação do ser heroico. As representações de Alexandre são, em sua maioria, compostas por um corpo atlético, em posição de guerra ou montado em seu cavalo, com traços limpos e feições plácidas, apesar de sua posição na sociedade. O abdome firme e marcado compõe a sua figura, ora tendo armas em suas mãos, ora fazendo uma reverência aos deuses. O corpo mostrava-se são, expunha nada mais que a sua *areté*, em vestes de guerra ou túnicas fluidas e cabelos ao vento.

Assim, por mais que houvesse divergências entre os principais filósofos sobre a compreensão de corpo presente na sociedade, os gregos valorizavam a harmonia entre o corpo e a alma. Em outras palavras, a perspectiva de que o mundo inteligível era mais importante surgiu no mesmo período em que os gregos passaram a cultuar o corpo, portanto, consolidando a ideia de corpo em harmonia com a alma (Cassimiro, 2012, p.72).

Após a morte de Alexandre, no final do sec. IV A.E.C, iniciou-se um período de crise na Hélade, mas a sua imagem como modelo de virilidade preponderou por várias gerações. O governante deixou como legado uma afirmação de masculinidade tendenciosa, englobando preceitos tão aristocráticos quanto bestiais, questionáveis em relação a *areté*, cuja inteligência e excelência foram suficientes para influenciar seguidores ávidos por poder durante mais de 20 anos após a sua morte:

Alexandre deixou atrás de si vastos exércitos de tropas bem treinadas e um grande número de generais experientes e ambiciosos. Antes do surgimento de padrão estável das monarquias helenísticas, esses generais passaram a tecer intrigas e a lutar entre si pelo controle do império durante a época chamada dos Diáconos ou Sucessores (323 a 301 a.C) (Bowder, 1982, p. 25).

Esse questionamento em relação à persona de herói é discutido por Apolônio de Rodes, no sec. III A.E.C, no épico As Argonáuticas. Jasão é um símbolo de masculinidade que

contrariava alguns preceitos da *areté* no poema, não possuía tantos méritos quanto Alexandre, mas tem a oportunidade de desenvolver a sua *areté* após ter recebido uma missão do rei Pelias, apesar de sua inexperiência e falta de aptidão para liderar a missão:

Em primeiro lugar, é preciso ter atenção para o fato de que Jasão, o líder da nau, é um herói novo, inexperiente e incapaz em diversos aspectos. A votação lançada pela expedição dos argonautas para que encontrassem um líder para guiá-los ignorou, desde o início, a sua presença e a sua autoridade, mesmo que fosse ele o organizador da aventura (Barth, 2017, p. 4).

O herói, que nascia aristocrata e era educado para a glória, tem a essência modificada por Apolônio, humanizada e frágil.

O anti-herói Jasão: uma interpretação da Argonáutica

Apolônio de Rodes representou Jasão como aquele que se atreveu a enfrentar a sua jornada, uma provação para um renascimento como ídolo. O herói incorpora a oportunidade de desenvolver as suas virtudes a partir da jornada enfrentada, sem necessariamente um mestre ou tutor, incitado, mesmo sem a credibilidade de seus companheiros, a buscar por sua admiração.

(...) Jasão, em seguida, / disse-lhe em resposta com doces palavras: /

“Tífis por que assim exortas a mim, aflito? / Errei e provoquei uma ruína funesta e inevitável. / Pois, em oposição ao ordenamento de Pélias, eu deveria / logo ter recusado essa expedição, mesmo que eu tivesse / de morrer impiedosamente, esquartejado em pedaços. / Agora subjazo a enorme pavor e insuportáveis / preocupações, receando navegar por rotas gélidas / numa nau e receando quando desembarcamos em terra / firme, pois por toda parte há homens hostis. / Sempre, dia após dia, velo durante a noite gemente, / desde quando primeiro vos reunistes por minha causa, / e reflito em cada detalhe. Tu falas com facilidade, / por te inquietares somente com tua própria vida. Mas eu / em nada me perturbo por mim mesmo, mas temo por este, /

por aquele, igualmente por ti e pelos outros companheiros, / se não vos trarei sem danos para a terra helênica” (Rodes, Livro 2, Il. 620-637).

O discurso, firmemente defendido pelo herói, evoca a sua temperança e emana preocupação com os companheiros e a jornada, afirmando a sua posição de comando. Jasão assume que expôs a nau a inúmeros perigos e apresenta-se como culpado, caso algum de seus aliados fosse morto ou ferido, mas conferindo a suas palavras um sentimento de união. Tífis que, antes do discurso proferido pelo líder, havia exortado a bênção recebida por Atena na travessia árdua do barco em meio às rochas, citando os deuses e a embarcação como únicos responsáveis pela vitória, compadeceu-se, assim como os demais companheiros:

[Tífis:] “(...) Eles bradaram juntos / com palavras de confiança. Jasão se rejubilou em seu coração / com as aclamações e, novamente, disse-lhes com clareza:/ “Ó caros, aumento a minha confiança em vista de vossa virtude. / Por isso agora, nem se eu me encaminhasse pelos abismos / do Hades, não mais me sentiria apavorado, já que sois / firmes em terríveis perigos. (...)” (Rodes, Livro 2, Il. 638-644).

A confiança adquirida pelo líder a partir do brado positivo dos demais conforta o herói e aparece como um ponto de crescimento dentro de sua jornada. A virilidade exposta por Jasão não consome a sua individualidade, assim como não renega a virtude dos companheiros: ele vigoriza a virtude dos argonautas, prostrando-se despreocupado enquanto permanece na presença dos mesmos. O herói não se impõe como herói, mas se faz herói junto aos que escolheram juntar-se a ele.

(...) desde o início, Jasão já é apresentado como não responsável por suas ações; Hércules escolheu o líder dos argonautas; Hipsípila precisava de um parceiro, a escuridão fez Cízico um inimigo anônimo e uma vítima. Dessa forma ele foi, desde o início, descrito como sendo levado pelos acontecimentos, ao longo de todo o poema. Ainda que possamos considerar tal fato como singularmente inusitado, não podemos negar que Jasão

seja retratado constantemente como passivo. Tal consistência sugere que Apolônio escolheu conscientemente representar Jasão dessa maneira. Ao cercá-lo com os adereços de heroísmo tradicional ele oferece ao leitor uma figura paradoxal que fornece um comentário sobre a forma épica em si (Beye, 1969, p. 48).

Assim como feito por Alexandre, o respeito à origem aparece no épico de Apolônio, mas de forma distinta: enquanto o general expunha respeito pelo seu pai, por seus feitos e sua nobreza, Jasão compõe um momento de carinho e delicadeza ao lado de sua mãe, que lamenta a sua partida para uma missão em terras remotas e desconhecidas.

Não te precipites tanto assim em tristes aflições / por minha causa, mãe, pois não escaparás do infortúnio / com lágrimas, mas ainda acumularás dor sobre dores. / Pois os deuses distribuem aos mortais sofrimentos imprevisíveis. / Apesar da aflição em teu coração, suporta o destino / por eles traçado. Confia na amizade de Atena, / nos presságios, pois muito favoráveis foram os oráculos / de Feboe, por fim, no auxílio dos valorosos (...) (Rodes, Livro 1, Il. 295-302).

É importante ressaltar que Jasão não é exceção com relação a *hybris*: a personagem é tomada por fúria e desejos em numerosas partes do épico. Apesar de sua paixão lacerante por Medéia, o herói tende a buscar uma solução apaziguadora nos conflitos, mas não permanece inerte quando são necessárias ações desmedidas, porém, utilizando-se de artimanhas. Um exemplo de dominação de Jasão pela *hybris* é quando o mesmo trama a morte do irmão de sua amada, enquanto há uma perseguição marítima:

(...) Jasão armava uma emboscada / para receber Apsirto e em seguida os seus companheiros. / Após ser enganado por meio de terribilíssimas promessas, / Apsirto atravessou velozmente as ondas do mar com a sua nau / E durante a noite sombria desembarcou na sacra ilha. / Sozinho vindo direto encontrá-la, testa com palavras / sua irmã, como uma tenra criança testa uma torrente / invernal que nem mesmo os adultos atravessam / para ver se ela arquitetaria um dolo contra os estrangeiros. / Os dois

havia entrado em acordo mútuo em cada detalhe (...) / Jasão, como um matador fere um grande touro de robustos / Chifres, feriu-o após espreitá-lo próximo ao templo que outrora / Os brigos, moradores da costa, construíram para Ártemis (Rodes, Livro 4, Il. 455-462, 468-470).

A sutileza do estratagema que acompanha a *areté* de Jasão é equivalente à sua *hybris*, quando Apolônio a representa com a passividade do herói e caráter organizador. Assim que é necessária a exposição de crueldade com relação ao herói, o autor descreve o ato de modo poético, troca palavras por termos mais leves, prescreve o crime justificando como parte de um fator protetivo e até passível de dor ao executor, diante de uma aclamada loucura que toma sua amada.

Cruel amor, grande sofrimento grande ódio aos homens / por tua causa as funestas rivalidades, os lamentos, os prantos / e, além disso, outras dores infinitas se agitam. / Contra os filhos dos meus inimigos, divindade, ergue-te armada, / da maneira como inculcaste uma odiosa loucura na alma de Medeia (Rodes, Livro 4, Il. 445-449).

Com Jasão, a *areté* adquire novos significados, é remodelada. O exemplo de Alexandre como ponto de fuga da significação original do termo atinge formas poéticas, indicando a efetiva mudança na persona heroica e padrão social de masculinidade. Por mais que incorporem o mesmo papel de líder dentro de suas narrativas, evidenciando tanto a *areté* quanto a *hybris* e contrapondo o paradigma de herói vigente, a inexperiência de Jasão e a soberba de Alexandre pontuam como uma ramificação na ordem social tradicional. Essas mudanças podem ser percebidas na literatura com o advento da estética Calimaquiana, que teve início por volta de 270 A.E.C. Ainda que a poesia de Apolônio seguisse os mesmos padrões estruturais de Homero, seus heróis eram moldados aos novos padrões destoando do tradicional.

(...) a relação da poesia de Apolônio com essa estética calimaquiana está presente principalmente nos seus personagens

em oposição: Jasão e Héracles. Modelos opostos de épocas opostas, os heróis simbolizariam os dois momentos da poesia épica, a homérica, simbolizado pelo poderoso Héracles, e a calimaquiiana, pelo jovem, frágil e belo Jasão (Diniz, 2010, p.18-19).

Calímaco trazia sutileza à *areté* dos heróis tradicionais, característica englobada por Apolônio, e criticava a extensão de alguns cânticos, relacionando-os com a qualidade empregada em sua escrita. Apolônio não só traz à tona uma nova forma de compor, como também expõe respeito à tradição, não a excluindo ou criticando, mas transferindo o clássico para a sua realidade. Ele propõe um herói ousado, com a liberdade que a estética de Calímaco lhe proporciona, enquanto dialoga com o clássico, utilizando-se de preceitos alexandrinos:

Muitas características ligadas não apenas a Calímaco, mas à estética da poesia do período helenístico, aparecem no texto de Apolônio. Há a liberdade na abordagem de um tema comum e recorrente na literatura; o diálogo com o clássico, nesse caso, com Homero e a tradição épica; o deleite com um mundo mais humano que grandioso, como podemos perceber na figura de Jasão; há também um predomínio da mitologia e da magia no texto, bem ao gosto do público do autor, representando também o sincretismo inerente às condições da sociedade alexandrina (Diniz, 2010, p.18-19).

Fábio Diniz também explicita que o que diferencia as Argonáuticas dos épicos homéricos é a distância temporal do autor com relação à criação dos mesmos. Como erudito do período Helenístico, Apolônio incorpora padrões vigentes à sociedade que vivencia, mas, sem afastar-se completamente do que caracteriza o arquétipo de um épico tradicional.

Apolônio utiliza-se de diversos expedientes caros à tradição épica, e com o olhar de um erudito do período helenístico retoma essa tradição. Isso é permitido pela visão de mundo distanciada que Apolônio possui do mundo homérico, pela grande distância temporal entre seu poema e a composição dos poemas

homéricos. O que anteriormente fora tido por alguns autores como uma falha de Apolônio, ao tentar se aproximar dos padrões épicos de Homero, pode ser visto como um projeto novo e de constituição tipicamente helenística (Diniz, 2010, p.50-51).

Assim como Diniz, Carreira (2007, p.14) explicita que “apesar de se apoiar na tradição, Apolônio não copia, antes renova, transforma e cria” enfatizando o perfil transformador do autor. Apolônio submete-se a não só modificar o padrão de herói, mas a articular uma nova forma de explorar a narrativa.

Tendo em vista essa nova matriz heróica, é possível observar outras distinções entre as epopeias clássicas e as Argonáuticas que ajudam a compreender as modificações no arquétipo de herói. Um bom exemplo é a presença constante de Medéia nos contos, tomando a frente em situações decisivas e/ou prostrando-se como digna do mérito por determinados feitos. Segundo Carreira (2007, p.34) “A proeminência de uma figura feminina, (...) chega mesmo a abafar a presença masculina (...)”, explicitando um protagonismo feminino, engendrando outra característica reformista da escrita de Apolônio, onde a mulher não parece apenas no cunho sentimental, para despertar um romance ou “aliviar” as inquietudes de um homem, ela está ali para ser, assim como os outros companheiros de Jasão, parte da missão.

Medeia, além de participar igualmente dos feitos realizados pelos heróis da nau, em determinadas ocasiões até com certo destaque, ainda interfere na manifestação da *areté* e da *hybris* de Jasão. Em diversos momentos do épico, a mulher sugere ações ao amado, evidenciando uma relativa influência no curso da missão.

(...) Prontamente, chamando Jasão sozinho, longe / dos companheiros, levou-o a outro lugar até terem muito / se afastado e diante dele disse palavras de desalento: / “Esônida, qual é o plano que tramaste / a meu respeito? Os triunfos te lançaram em / esquecimento e não te ocupas com as coisas que me dizias / quando tinhas necessidade? Para onde foram os juramentos / por

Zeus suplicante, para onde foram as doces promessas? (Rodes, Livro 4, Il. 352-359).

A moça também se vincula diretamente à conquista do tosão de ouro pelos heróis, colocando a sua traição à pátria como a raiz do feito e amarrando o seu destino ao de Jasão e de seus companheiros. Além de solicitar a partida junto aos argonautas, Medeia também clama pela proteção dos heróis e defesa contra a ira de seu pai mediante seus atos.

Por fim adquiriste o tosão, motivo pelo qual vossa navegação / foi empreendida, graças ao meu desvario, e provoquei uma funesta / vergonha sobre as mulheres. Dessa forma afirmo seguir-te / pela Hélade como tua filha, tua esposa e tua irmã. / Protege-me, zeloso em tudo, e não me deixeis sozinha / longe de ti quando te encontrares com os reis / mas apenas defende-me. Que te sejam sólidas / a justiça e a lei com a qual ambos concordamos (...) (Rodes, Livro 4, Il. 366-373).

A postura de Medeia a rotula como protagonista do feito, o que prossegue quando a mesma toma a frente de Jasão no planejamento de ações de batalha, evidenciando o seu destaque quanto aos homens da nau e quanto próprio herói, que é influenciado por sua atitude e deixa-se guiar pela mulher.

(...) E ela falou tais palavras funestas: / “Presta atenção. Em vista dos meus feitos vergonhosos, / é necessário também planejar isso, já que desde o começo / cometi uma falta e cumpri os vis desígnios de uma divindade. / Tu, na refrega, defende-se das lanças dos colcos, / enquanto eu induzirei Apsirto a vir até as suas / mãos. Acolhe-o tu com esplêndidos presentes, / na esperança de que eu persuada os arautos que até ele se dirigem / para vir sozinho entrar num acordo comigo. / Então, se este feito lhe agradar – e eu não me oponho – / Mata-o e inicia uma batalha contra os colcos” (Rodes, Livro 4, Il. 410-420).

Ao contrário do que pode parecer, Medéia não é uma personagem originalmente de Apolônio. Ela aparece em textos de Eurípedes (V A.E.C.), mas foi consumida pela concepção

calimaquiana nas Argonáuticas, sendo introduzida como parte principal de uma aventura épica, ganhando uma ressignificação. Outro personagem ressignificado que aparece igualmente nos textos de Eurípedes é Héracles, a partir da sua ligação com Hílas, seu pupilo.

A corrida de Héracles depois de Hylas mostra uma energia e vitalidade que Jasão nunca reúne, e Apolônio escolhe nos lembrar disso no final do épico em sua descrição de Héracles e as Hespérides. Aqui, mais uma vez, vemos o herói à moda antiga que alcança seu prêmio por sua própria força e coragem, sem depender de ninguém. Jasão, como sabemos, deve depender completamente de Medeia para obter o velo. É assim que Apolônio o conta e, ao fazê-lo, ele está trabalhando nas implicações do novo tipo de herói revelado no Livro 1 (Beye, 1969, p. 48).

Por mais que Héracles seja um personagem conhecido em épicos anteriores, Apolônio o construiu usufruindo dessa nova percepção, como exemplifica Hunter (2021, p. 22) “poderíamos pensar também na narrativa de Hílas em Apolônio, na qual Polifemo traz as novidades terríveis a Héracles”, exemplificando a fragilidade do herói ao perder o amigo. Héracles, o glorioso, que em Eurípedes destroçara um leão com as próprias mãos, é representado cativo de sentimentos nas Argonáuticas, remotamente lembrando o citado Alexandre, ganhando uma forma sutil, por mais que mantivessem a sua essência guerreira original.

Seja pela sua ligação com a tradição épica homérica, seja pela sua filiação estética a Calímaco, ou ainda pelas suas características que explicitamente a ligam à poética alexandrina contemporânea à sua produção, a Argonáutica de Apolônio de Rodes instaura questões determinantes para estabelecer firmemente qual a postura do poeta crítico alexandrino frente a essa tradição homérica (Diniz, 2010, p. 21).

Tanto Héracles, conhecido por suas aventuras heroicas, quanto Medéia, que figurava contos trágicos, permeavam

epopeias de eras anteriores, tendo suas próprias conquistas, personalidades e reconhecimento. Nos textos de Apolônio, ambos têm a oportunidade de vivenciar a construção do perfil heroico de Jasão, enquanto têm as suas essências clássicas modificadas pela autonomia advinda da estética Calimaquiiana.

Chamo especial atenção para a extraordinária passividade de Jasão. Em parte, isso pode derivar da visão de Apolônio da humanidade como indefesa, pelo menos em seu próprio tempo, contrastando um Jasão alexandrino com um Hércules homérico. (...) Ele está em um ambiente onde há sempre qualidades românticas de beleza, graça e charme. (...) Jasão também cuida de Medeia. Esse amor homossexual revela um tipo de sexualidade novo para o épico, e acredito que Jasão parece essencialmente passivo porque a tradição épica não poderia, mesmo para Apolônio, acomodar-se ao tema de um homem exibindo fortes sentimentos de amor e afeição por uma mulher (Beye, 1969, p. 54)

Tal autonomia de concepção gera questionamentos sobre as novas interpretações de *hybris* e *areté*. Júnior (2021, p.409) cita em diversos momentos que Jasão pode ser considerado corruptível e levado a um renome menos heroico.

Lawall conclui que a expedição teria moldado Jasão em uma figura anti-heroica, enganadora e constantemente baseada na ajuda alheia, tanto humana (Medeia) quanto divina (Apolo, Hera ou Afrodite). Ele estaria capacitado a agir segundo artimanhas, engodos e quebra de juramento. Os argonautas obtêm o toção e retornar a lolco, no entanto o preço a ser pago seria o abandono do heroísmo tradicional. Em outras palavras, a corrupção de caráter do protagonista teria proporcionado o sucesso da missão.

Todavia, há discordância com relação a prover este título ao argonauta. Segundo Lawall (2007, p. 97 *apud* CARREIRA 1966), o predomínio de ações arbitrárias na figura de Jasão faz parte do diálogo entre eras construído por Apolônio. O equilíbrio em seu personagem não é um fator determinante de sua valentia e masculinidade, mas a sua palavra e foco no objetivo final:

Apolônio parece estabelecer uma espécie de diálogo entre o protótipo dos heróis épicos tradicionais e o que Jasão representa (um válido precedente do herói do romance que surgiria posteriormente). O líder de toda a empresa evidencia-se, não pelo justo equilíbrio entre a força e a facúndia, mas pela arte da palavra que seduz outrem, com o objetivo de o conduzir ao prêmio final.

Charles Beye (1969, p. 47) também não concorda em elevar Jasão ao patamar de anti-herói. O autor defende que o personagem de Apolônio ocupa a posição de “love-hero”⁷, tendo como contraste para esta análise a figura de Hércules e sua saída da aventura em virtude do sumiço de Hylas. Jasão é interposto nesse papel, novamente, por conta da falta de equilíbrio e excesso de passividade, fugindo do contexto de herói homérico:

Apolônio, removendo Hércules da narrativa em busca de Hylas, mostra ainda mais claramente Jasão como um novo tipo de herói épico, um herói romântico, um herói do amor, um homem que se moverá para fora do contexto de dominação masculina do épico tradicional para uma nova tragédia de costumes homossexual. Esta é a função mais importante de Hércules. Suas aparições anteriores foram longe para estabelecer Jason como talvez nada mais do que um homem comum perversamente no herói confecções. Hércules fornece a medida, Jason é encontrado em falta até em Lemnos ele é investido de uma espécie de heroísmo (Beye, 1969, p. 47).

Longe de pertencer estritamente ao padrão de épicos anteriores e próximo de novas influências literárias, o Jasão de Apolônio surge para ressignificar a masculinidade, os conceitos de *areté* e *hybris* e até a denominação heroica. Displicente em relação à glória pessoal, demora para roubar a cena em sua própria aventura, mas instiga, evidenciando o processo de modernização de sua civilização e trazendo consigo um novo modelo de masculinidade.

⁷ Em tradução literal “Herói do amor”.

Conclusão

Apolônio, apesar de consubstanciar o padrão homérico e a liberdade calimaquiiana em seu épico, dispõe de artifícios capazes de classificar a sua forma de escrever como o ponto de partida de uma nova significação de masculinidade. Se utilizando de personagens já conhecidos, o autor proclama a sua mudança e constrói seu herói com base em um plano de imersão: ele está ali por uma razão, mas o ambiente o carrega e faz com que o mesmo progrida. O herói homérico tomado por fúria e virtudes dá lugar ao pacato cidadão que tem uma promessa a cumprir a mando de seu rei, disposto, com a ajuda dos demais, a se moldar ao que as situações carecerem. Jasão destoa de Hércules durante o épico, permanece junto aos companheiros, os ouvindo e protegendo, enquanto o semideus, que prometeu ajudar na tarefa, abandona a missão logo após o início. A masculinidade de Hércules é tão modificada e revisada por Apolônio, quanto a do protagonista das Argonáuticas.

Apolônio não só formula um novo modelo de herói e uma nova forma de encarar o conceito de masculinidade, mas absorve a necessidade da era pós alexandrina, pós conquistas, e insere em seus escritos. Jasão é o retrato do herói que a Hélade do sec. III A.E.C buscava, ele contribui para que o arquétipo heroico evolua em consonância com a conjuntura social. Jasão é um herói, e, mais que herói, é o proclamador de uma virilidade pouco impetuosa, que não necessita de provas para testar a sua vontade, mas que passará por qualquer provação se a mesma for imposta por um bem comum ou em favor do seu amor. É um herói circunstancial, construído e desconstruído ao longo da aventura, beirando o anti-heroísmo, mas evocando que suas ações desmedidas são um custo devido a missão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANGELO, João. LORENZO, Isabel de. Calímaco, poeta e crítico epigramas 1, 8, 27, 28. In. **Revista Magma**. São Paulo/SP, 1994, p. 89-91. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/magma/article/view/84918> (acesso

em 23 de maio de 2022)

BÁRBARA, Maria Leonor Santa. “A natureza dos poemas homéricos”. In: **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, n.º 15. Lisboa, 2003, p. 93-99.

2003, pp. 93-99.

BARTH, Vinícius Ferreira. “As figuras de Héracles e Jasão nas Argonáuticas de Apolônio de Rhodes, pensadas sobre algumas perspectivas de James Joyce e James George Frazer.” In.: **Scripta Alumni**, nº 18. Paraná, p. 1-12, 2017.

BEYE, Charles Rowan. Jason as love-hero in apollonios’ “argonautika”. In: **Greek, Roman and Byzantine Studies**, nº1 Durham/US, 1969 p. 31-55.

BORTOLLINI, Rosane Wanderscheer; NUNES, César. “A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego”. In: **Filos. e Educação**, n. 1. Campinas/SP, 2018, p. 21-36. (acesso em 23 de maio de 2022)

BOWDER, Diana. **Quem foi quem na Grécia antiga**. Editora Círculo do Livro. São Paulo/SP, 1982, p. 1-323.

CARREIRA, Paula Cristina Ferreira da Costa. **As Argonáuticas de Apolônio de Rodes: A arquitetura de um poema helenístico**. 2007. 114 f. Dissertação (mestrado) - Universidade De Lisboa – Departamento de Estudos Clássicos, 2007.

CARVALHO, Ilca Andréa Barroso de. “Os filhos de Zeus ou a herança patriarcal em O herói devolvido (2000), de Marcelo Mirisola”. In. **Todos os corpos desejam**. Organização: Claudicélio Rodrigues da Silva. Fortaleza/CE, 2021, p.127-137.

CASSIMIRO, E. S; GALDINO, F. F. G; SÁ, G. M. “As concepções do corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga á contemporaneidade”. In. **Revista Eletrônica Μετάνοια**, nº 14. São João del-Rei/MG, 2012, p. 61-78.

DIAS, Kleber Eduardo Barbosa. “Justiça e areté como horizonte ético no pensamento de Aristóteles”. In: **Revista Jurídica da UniFil**, nº 6. Londrina/PR, 2018, p. 44-58.

DINIZ, Fábio Gerônimo Mota. **A passagem do cetro: aspectos dos personagens Héracles e Jasão na Argonáutica de Apolônio de Rodes**. 2010.102 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/SP, 2010.

EYLER, Flávia Maria Schlee. **História Antiga Grécia e Roma: A formação do Ocidente**. Editora Vozes, 3ª ed. Petrópolis/RJ, 2014. p. 1-232.

GALITO, Maria Souza. “Areté – Heróismo e Excelência.” In.: **CI-CPRI**, Artigo de Filosofia, nº3. Lisboa/PT, 2012, p. 1-12.

HUNTER, Richard. “Os epigramas de Calímaco e a poesia inscrita”. In. **A poética Calimaquiana e sua influência na poesia Epigramática**. Coimbra/PT, 2021, p.11-31.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Pereira. Editora Martins Fontes. São Paulo/SP, p.1-20, 1995.

JUNIOR, Fernando Rodrigues. Ensaio crítico. In. **Argonáuticas**. Ed 1. Fapesp, São Paulo/SP, 2021 p. 371-476.

LAWALL, Gilbert. Apollonius “Argonautica”: Jason as anti-hero. In. **Yale Classical Studies**, nº 19. Connecticut/Us, 1966.

LEITE, Isabela Fernandes Soares. Criação, hýbris e transgressão na mitologia heroica. Anais do XVIII Congresso da AJB – Criação. Curitiba/PR, 2010 p.1-14.

RODES, Apolônio de. **Argonáuticas**. Organização, tradução, textos e notas: JUNIOR, Fernando Rodrigues. Ed 1. Fapesp, São Paulo/SP, 2021 p.1-476.

RODRIGO, Maria Lúcia. “A *areté* como ideal formativo na *pandeia* grega.” In.: **Revista SulAmericana de Filosofia e Educação**, nº 26. Brasília, 2016, p. 120-132. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231211302.pdf> (acesso em 23 de maio de 2022)

ROSA, Alexandre. “A areté na aristocracia homérica.” In: **Calíope: Presença Clássica**. Ano XXXIII, nº 32. Rio de Janeiro/RJ, 2016, p. 9-23.

SUGUIHURA, Felipe Magaldi. “Mito e Beleza: a estatuária grega na revista Educação Physical”. In. **Pro-Posições**, nº 1. Campinas/SP, 2007, p. 197-211.

Recebido em: 19/07/2025

Aprovado em: 05/12/2025